

A HISTÓRIA DE MARIA RITA



João gostava de ficar deitado na rede olhando para o tempo sem pensar em nada e contando as nuvens sob o sol dos dias que correm sem pressa.

Sua prosa limitada e curta variava de repertório segundo as estações do ano:

- Será que vai chover?
- O calor tá rachando casco de tatu.
- O frio que vem aí nem poste aguenta!

Uma vez por mês ele recebia uma cesta para a alimentação dos seus: Zefa, a esposa, Jorge e Miguel, os filhos mais novos e Maria Rita, a mais velha.

Já a matrícula dos meninos na escola garantia o pagamento das contas de água e energia e ainda sobrava um troco.

Dono da casa e da terra onde morava, herança do pai, de um cavalo e uma carroça (muito cobiçados pelo seu Manoel da Casa da Lavoura) e

de algumas galinhas, João vivia tão bem instalado na acomodação e no conformismo que, não acostumado a pensar em mudanças, nunca imaginou as promissoras possibilidades que tinha em suas mãos.

E assim ia levando... Quando cansado da rede, ia sentar-se no banquinho e, cansado do banquinho, voltava para a rede, enquanto Zefa varria a casa, preparava o almoço, lavava roupa e assistia as novelas, o Big Brother e tudo o mais que se vê em nossa televisão tão exemplarmente *educativa*.



Até que um dia a cesta que patrocinava o descanso de João chegou acompanhada de um bilhete trazido pelo motorista do armazém do seu Josias.

João fala ao motorista:

– Nunca aprendi a emendar as letras! Os meninos estão na escola fazendo este papel. A mulher nunca conseguiu me dizer quantos grãos de arroz ela faz por dia. Então só me resta você. Vai desembucha! Junta logo essas letras e me conta logo essa prosa.

O homem leva o olhar até o bilhete e com a voz consternada, já que conhecia o conteúdo da carta, lê para João o recado de Josias: *Devido ao assalto ao Banco do Brasil e o fechamento de sua agência na cidade, o comércio está sendo muito prejudicado e nunca sofreu tanto. O povo de Cavalcante e arredores foi obrigado a receber os benefícios do governo na agência do Banco do Brasil de Alto Paraíso e passou a fazer suas compras por lá mesmo, já que os mercados daquela cidade, por ficarem mais perto dos fornecedores, podem oferecer preços mais baixos. Isso nos pegou de surpresa e nos colocou numa situação muito difícil. Assim sendo, a partir do próximo mês não será mais possível nossa doação.*

– Agora danou tudo! Acabou minha paz!, reclamou João preocupado.

O motorista foi embora e João ficou ali matutando o que poderia ser feito: *jogar na loteria? Tentar o carteadado? Abrir um boteco, quem sabe? Mas só nessa rua tem três! Não vai dar certo...*

Nisso viu que os filhos haviam chegado da escola, menos Maria Rita. Rispidamente perguntou a Zefa:

– Mulher, cadê Maria Rita? Ela só tem 16 anos!

Zefa respondeu desconfiada:

– Uai João! Ela tá lá naquela Casa Abraço. Foi pra lá desenvolver um tal de projeto *Pense Grande*. Você autorizou. Não lembra?

– Mas é o que mesmo?! Você acha que eu ia autorizar minha única moça ir pra uma casa abraçando Pé Grande? Eu estou é nervoso agora Zefa! Que safadeza é essa? Onde é que eu tava com a cabeça? Nas nuvens? Pois você vai lá agora buscar ela porque senão vou me ver com esse tal de Pé Grande!

– Não é pé grande. É *Pense Grande*. Pense Grande João!

Zefa mais que depressa correu rumo à Casa Abraço que ela ainda não conhecia.

Deve ser ali onde tem aquelas flores, pensou, já que a filha lhe dissera que a Casa Abraço era um lugar com muitas cores, jardins e alegria.

A reunião do *Pense Grande* acabara de terminar e Maria Rita ao chegar ao portão assustou-se com a presença da mãe.

– Vim buscar você Maria! Seu pai está amarrado hoje, te prepara que o trem não está bom não!

Zefa explicou a situação para a filha e Maria Rita foi matutando com cuidado o quealaria com o pai. Não poderia ser qualquer lorota: João não era de muita briga, mas de besta não tinha nada.

Maria Rita já estava no *Projeto Pense Grande* tempo suficiente para despertar seu potencial criativo e imaginou que se chegasse em casa com uma boa idéia, seu pai se acalmaria.

Assim pensou em tudo o que de melhor já aprendera no projeto sobre empreendedorismo e foi criando possíveis soluções para o problema.

Nervoso, João aguardava mãe e filha ali mesmo na porteira da chácara.

– Pensei que você ia ficar lá abraçando o Pé Grande também Zefa. Vamos Maria, desembucha! Você está de chameguice com esse tal de Pé Grande? Vou arrumar teu casamento!

Maria era uma menina doce, mas de personalidade forte. Não costumava mentir.

– Pai, vamos conversar. A Casa Abraço é um projeto que foi criado pela Tia Elisia e por um monte de crianças de Cavalcante. Ela começou a receber as crianças numa casinha bem pequenininha, aqui mesmo na Vila Morro Encantado. Aí foram surgindo amigos que começaram a ajudar. Os primeiros foram Luis Fernando e Elisete trazendo pincéis e tintas para a alegria das crianças. E sempre auxiliando em tudo que precisassem.

João quis saber:

– Receber as crianças pra quê?

– O senhor já reparou que aqui não tem parque, esporte, cinema, teatro, música, dança, praticamente nada para a diversão das crianças? Pois é... A Tia Elisia começou a criar um espaço para elas se divertirem. Mas apareceram tantas e tantas crianças que o lugar ficou pequeno. Aí ela teve que PENSAR GRANDE. Mas o melhor é que ela convidou as crianças a PENSAR GRANDE também. Assim a primeira coisa que pensaram foi em ampliarem o espaço. E isso só seria possível se comprassem um terreno bem grande.

Maria Rita fez uma pausa e continuou:

– Como a Tia Elisia sempre acreditou que a vida é mágica, apareceu uma amiga que pensa tão grande quanto o tamanho do coração que tem e resolveu o problema doando os terrenos para esse sonho. Foi a Carla. Uma grande mulher que vive ajudando pessoas que sonham grande. E fez mais: cooperou para trazer uma equipe de jovens que moram lá na Europa. Jovens que sonham em outras línguas... Esses jovens construíram no novo espaço da Casa Abraço uma bonita palhoça circular, o *chapéu de sol*. Pessoas ajudando pessoas num grande

abraço. Assim como seu Josias fez tanto tempo com a gente. Entende pai?

João, tocado pela segurança com que sua filha discorria sobre aquelas coisas, ficou mais calmo e prestava atenção em tudo que lhe era dito.

Maria Rita, com ar de suspense, prosseguiu:

– Mas havia um, porém... Como acolher com um mínimo de conforto os jovens europeus na Casa Abraço se a Casa Abraço só tinha os terrenos?! Daí a Tia Elisia chamou a Lúcia, sua irmã, para pensarem juntas uma solução. E a Tia Lúcia teve uma grande idéia! O SINFOR, *Sindicato das Indústrias da Informação do Distrito Federal*, onde Tia Lúcia trabalha estava promovendo uma grande festa de confraternização empresarial. Ela articulou tudo e conseguiu que o Sindicato divulgasse o Projeto Casa Abraço naquela festa. Danada essa Tia Lúcia, ela é uma grande estrategista. Quero ser igual a ela!

– É, você está bem diferente. Onde andou aprendendo essas coisas? Foi lá no Pé Grande?

– Calma pai, vou chegar lá! Com a ajuda da equipe que se formou, deu tudo certo. Vander, Orlando, Fernando, Fagner, Luciana, Mariana, Tainah, Mirian, Anderson, Mônica e o Tio Jayme... Mas é claro, nada disso teria acontecido se pessoas certas não fossem tocadas! Pessoas que pensam muito grande. PESSOAS QUE PENSAM EM MUDAR O MUNDO: Jeovani e Luciana Salomão, José Marcos de Paiva e Maria Mirtes Vidica Fernandes, Carlos Alberto Freitas.

E assim combinaram um encontro em Cavalcante na Páscoa, um tempo de renascimento, paz e solidariedade. Tia Lúcia conseguiu 400 ovos de Páscoa através de uma campanha que fez com seus amigos! E, ao chegar em Cavalcante, não se via a Tia Lúcia no carro. Só os ovos...

Naquele dia, cada criança ganhou um ovo enorme numa festa inesquecível na Vila Morro Encantado.

Empolgada, Maria Rita respirou fundo e acrescentou:

– Após a festa, aqueles generosos empresários firmaram compromisso para a construção da primeira etapa da Casa Abraço e, solidários, trouxeram mais um grande amigo para abraçar o Projeto: Carlos Jacobino Lima.

Interessado na bela história, João quis saber mais:

– E aí, o que aconteceu depois?

– O povo da Europa chegou! As pessoas de Cavalcante começaram a participar e iniciou-se a construção do chapéu de sol. As crianças da Casa Abraço colocaram a mão na massa e foram cooperar também. As jovens do Projeto não se cansaram de ajudar dia e noite: Regiane, Hayssa, Hannyele, Sâmela, Marcilene, Laura, Carol, Camille, Kássia, Samara e muitas outras meninas que viram a Casa Abraço nascer e crescer.

– Então foi por isso que a avenida encheu de gente? Um povo bem branquinho andando pra todo lado na cidade?

– Sim pai, foi um rebuliço só! Eles mexeram com a economia da cidade.

Quando João escutou a palavra *economia* veio logo à sua cabeça o que acontecera naquele dia.

– Estou gostando dessa prosa, mas tenho que conversar outras coisas com você.

– Eu sei pai, mas não se preocupe, vou chegar onde o senhor quer. Tenha só um pouquinho de paciência...

E seguiu com a narrativa:

– Ai o povo da Europa foi embora, mas a construção continuou. Agora, além do chapéu de sol, já estavam prontos dois banheiros, a casa de bonecas e uma sala para a administração. Assim, Tia Elisia teve a oportunidade de receber as crianças de novo. Para isso encerrou um projeto de dança que estava sendo realizado num espaço emprestado e que beneficiava apenas nove jovens redirecionando os recursos destinados ao pagamento da professora de dança doados pela *Memora*, a empresa de Jeovani e Paiva, e retomou o projeto principal da Casa Abraço: acolher as crianças.

– Nossa que trabalhadeira! Já estou cansado só de ouvir.

– Hoje a Casa a Abraço sem ter terminado a obra já atende mais de 200 crianças trazendo para elas, arte, lazer, música, brincadeiras, culinária e muito mais.

Foi então que Maria Rita finalmente chegou onde queria.

– Pois bem, pai. Quando a Casa Abraço já estava retomando seu ritmo normal de funcionamento chegaram mais amigos para ajudar, Tia Telma e Toninho inicialmente, depois o André e sua equipe: Fátima, Marina, Márcia, Willis e Willian. Ele chegou trazendo um belo projeto chamado PENSE GRANDE, o que casava perfeitamente bem com o que a Casa Abraço queria.

– E o que essa tal de Casa Abraço quer minha filha?

– Quer que os jovens comecem a pensar com a própria cabeça! Que lutem por seus ideais e se desvinculem de qualquer tipo de assistencialismo aprendendo por seus próprios esforços a conquistarem um futuro melhor. E é exatamente sobre essas coisas que eu queria te falar pai... A mãe disse que não vamos mais ter a cesta que seu Josias mandava. Além disso, esse ano eu termino o ensino médio. Vai ser menos uma ajuda por eu não estar mais na escola. Está na hora da gente começar a PENSAR GRANDE também!

– Sim minha filha, eu já estou até pensando em amanhã ir lá nessa dona Tia Elisia pra ver se ela não arruma uma cesta para nós todo mês.

– Não pai, não é isso... O que estou tentando dizer é que podemos tentar mudar nossas vidas! Ao invés de ficarmos dependendo de cestas de um ou de outro, sem ter a certeza de que amanhã seu Josias ou outro qualquer possa falir, morrer ou sei lá o quê, porque não nos tornarmos donos do nosso próprio negócio?

– Vixi Zefa do céu! Nossa filha ficou doida!

– Não é doideira não pai. É isso que aprendemos lá na Casa Abraço. No PENSE GRANDE.

– Quero ver até onde vai essa loucura! Continua. Estou aqui na minha rede, não me custa nada mesmo...

– Veja só. O senhor tem essas terras aqui, não tem?

– Sim tenho!

– O senhor tem o cavalo e a carroça, não tem?

– Tenho! Graças ao seu avô que deixou essas coisas pra mim.

– Pois é pai, podemos juntar todo mundo, eu, o senhor, a mãe, o Miguel e o Jorge e plantar arroz, feijão, verduras, legumes. Criar muitas galinhas, vender os ovos, sei lá.

– Já vi que esse povo da Casa Abraço é bom de botar sonho na cabeça dos outros... É melhor você acordar antes de cair da cama filha!

– Mas pai!

– Eu não terminei. Você acha que é fácil? Primeiro tem que capinar. Precisa de pá, enxada, carrinho. Tem que ter pelo menos quatro enxadas. Tem que ter as sementes. Tem que pôr defensivo na plantação e fertilizante na terra. Depois pagar a água. Agora me fala onde nós vamos arrumar dinheiro pra tanta coisa...

– Se eu tiver a solução, o senhor topa?

– Não roubando nem matando, que mal tem?

– Fazemos negócio com seu Manoel da Casa de Lavoura. Pegamos tudo que precisamos lá em troca do cavalo e da carroça mais um troco para nosso sustento até a primeira colheita.

– Mas logo agora que eu tava pensando em levar uma vida mais tranquila, me aposentar...

– Pai, o senhor só tem 40 anos! Além do mais prometeu que se eu tivesse a solução, o senhor toparia!

– Tá bem! Uma coisa que aprendi com meu pai foi ter palavra.

E assim foi dito, e assim foi feito.

João, mesmo sem grande motivação, cumpriu o acordo que fez com a filha negociando com seu Manoel, e junto com a família deu início ao plano empreendedor de Maria Rita.

Passado algum tempo, depois de muito trabalho o que era mato fechado transformou-se numa horta magnífica: alface, couve, chicória, salsa, coentro, cebolinha, tomate, batata, abóbora, xuxu, rabanete, mandioca. E o melhor: todos sem agrotóxicos, a primeira inovação das muitas que Maria Rita iria trazer para a região ao longo dos anos.



No início Maria Rita trocava produtos com seu Josias do armazém e, juntamente com seu pai que tomara gosto por *fazer acontecer*, vendia o excedente na feira da cidade.

Mas a produção cresceu e o negócio prosperou...

Até que a honestidade e a experiência de seu Josias do armazém veio somar-se em sociedade oficial (de papel passado e tudo!) ao ânimo e disposição de um agora renascido seu João, à garra e à vontade de Jorge e de Miguel e à competência, à visão e ao talento empreendedor de Maria Rita que, como ninguém, soube integrar suas qualidades desenvolvidas no Projeto Pense Grande com os valiosos

conhecimentos comerciais que ia aprendendo com o antigo benfeitor de sua família.

Conhecimento, trabalho, determinação, criatividade e foco são requisitos fundamentais para a formação de grandes empreendedores, o que essa equipe desenvolveu em nível de excelência no decorrer do tempo.

O curioso é que quando a J&J DISTRIBUIDORA DE FRUTAS E VERDURAS foi fundada, muito pouca gente em Cavalcante e nas cidades da região poderia imaginar que a empresa, ao expandir cada vez mais seus negócios, em poucos anos se tornaria a maior distribuidora de alimentos do norte de Goiás.

Menos seu João, seu Josias, Jorge, Miguel e Maria Rita, claro.



**MAIS EMPREENDEDORISMO,
MENOS ASSISTENCIALISMO!**

Argumento: Elisia Soares | Criação e Produção: Studio Hermes & Browni

O percentual de 10% da venda de produtos Hermes e Browni é automaticamente convertido em doação para a Casa Abraço.